

Falta de perspectiva no 2º semestre já preocupa empresas

Sônia Carvalho

São Paulo — Os empresários estão pessimistas quanto ao comportamento das vendas e consequentemente do nível de emprego no segundo semestre. As curvas continuam em declínio, apesar de alguns ramos apresentarem uma velocidade de queda menor.

A indústria de artefatos de borracha — cujo cliente é o setor automobilístico, respondendo por 60% das encomendas, prevê maiores demissões para este mês. Do inicio do ano para cá, o faturamento caiu 50% e os estoques prosseguem em franca redução.

FALÊNCIAS

O presidente do sindicato setorial, Barnabé Teixeira Soares, disse que a queda na oferta de emprego havia diminuído mas "agora vai atingir o fundo do poço". Neste momento, ele faz um levantamento para verificar as quebras no setor, e as informações iniciais indicam que pelo menos seis empresas — todas de pequeno porte — já fecharam suas portas.

O Sr Soares exemplifica a extensão da crise por sua própria empresa. A indústria Soares S/A Borrachas e Metais tinha, há um ano e meio, pouco mais de 200 empregados. Esse efetivo já foi reduzido para 160 e ontem houve mais um corte de 28 funcionários. Ele estima que seu quadro de pessoal terá de baixar para "97 ou 98 empregados".

A Indústria Soares ostentava, no ano passado, um faturamento mensal de Cr\$ 20 milhões. Em junho, esse valor caiu para Cr\$ 15 milhões, mesmo tendo havido um aumento de preços de 50%. "Era para estar faturando, no mínimo, Cr\$ 28 milhões", disse o Sr Soares.

Se perdurar o ângulo da curva decrescente de faturamento, as indústrias do setor chegarão, em outubro, a um nível zero de pedidos, prevê o Sr Soares. "A situação é de pânico", declarou. Em pesquisa realizada por seu sindicato entre as 48 empresas mais representativas do ramo, ficou constatado que de um efetivo de 12 mil 131 trabalhadores em abril, o número de empregos caiu para 11 mil 643. "Era de se esperar porque algumas empresas estão trabalhando com 25% da capacidade".

TEXTEIS

Embora também atravesses momentos difíceis, o setor têxtil, grande empregador de mão-de-obra e que, em maio, apresentou uma redução de nível de emprego de 5,2% quando comparado a abril, teve um ligeiro desafogo em junho. Partindo de dezembro — base 100% —, o nível de emprego vinha caindo continuamente: 99,3% em janeiro, 98,3% em fevereiro, 94 em março, 93,1% em abril, 92% em maio. Em junho, contudo, houve uma ligeira recuperação passando o índice para 92,3%.

O presidente do Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem, Luís Américo Medeiros, não se entusiasma muito com essa reação e a atribui a um vento animador gerado pela Fenit. "O mercado interno está fraco e não vejo nenhuma perspectiva de melhorar", disse ele. As empresas não têm dinheiro para fazer estoques e "ninguém pode comprar a matéria-prima com a velocidade necessária com juros de 10% a 12%".

Por enquanto, ainda não houve falências ou concordatas, fato atribuído pelo Sr Medeiros ao excelente desempenho dos três anos anteriores que deu aos empresários um certo fôlego para atravessar a atual crise. "Mas o endividamento está aumentando e a situação vai piorar". Essa, aliás, é a estimativa feita pela Associação Comercial Americana na reunião de quinta-feira no Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem.

Mesmo nas exportações, o horizonte é negro, segundo o Sr Medeiros. Os preços no mercado internacional — que está comprando pouco — estão até 17% abaixo das marcas do ano passado. Um dos principais mercados para o Brasil — os Estados Unidos — tem colocado restrições aos produtos brasileiros. "Dificilmente vamos preencher a nossa cota", estimou o empresário. Dos 170 milhões de dólares que o Brasil poderia exportar, na melhor das hipóteses colocará 70 milhões no mercado norte-americano.

Do inicio de novembro/80 até agora, a indústria de bens de produção mecânica dispensou 3 mil 500 dos seus 163 mil empregados, mas a velocidade das demissões está diminuindo, embora não se possa ainda apostar na estabilização. O presidente do Sindicato e da Associação de Máquinas, Einar Kok, informou que houve uma redução de 0,37% em junho.

Dois fatores poderiam explicar esse arrefecimento nas demissões: as empresas estariam antecipando férias e, por contar com mão-de-obra muito especializada que demora anos para ser formada, seguram o máximo possível seus funcionários.

No que se refere a vendas, disse o Sr Kok, não há qualquer melhoria sensível. Um indicador seguro é o número de pedidos em carteira. Em janeiro, o volume correspondia a uma produção de 30 semanas e meia. Em abril, caiu para 29 semanas e quatro dias.

Em termos de oferta de emprego, os primeiros quatro meses de 1981 foram bem melhores que o quadrimestre inicial de 1980, mas bem piores que os últimos quatro meses do ano passado. "Não se deve esquecer de que, no inicio do ano passado, a economia estava aquecida e que a desaceleração começou em outubro", observou o Sr Kok. De qualquer forma, ele acha que "as perspectivas continuam ruins".